



Comitê de Representantes

Aprovada na 1205ª sessão

ALADI/CR/Ata 1187
2 de outubro de 2014
Horário: das 16h40m às 19h10m

ATA DA 1187ª SESSÃO EXTRAORDINÁRIA E SOLENE DO COMITÊ DE REPRESENTANTES

Ordem do dia

O Comitê de Representantes recebe a senhora Estela B. de Carlotto,
declarada "Cidadã Ilustre da América Latina"

Preside:

AIDA GARCIA NARANJO MORALES

Assistem: Juan Manuel Abal Medina, Rubén Javier Ruffi, Sergio Luis Iaciuk, Pablo Ducros, Victorio Tomás Carpintieri (Argentina), Benjamín Blanco Ferri, Jenny Encinas (Bolívia), Maria de Graça Nunes Carrion, Roberto Goidanich, Félix Baes de Faria, José Vitor Carvalho Hansem (Brasil), Eduardo Francisco Contreras Mella, Alex Rodrigo Chaparro Cavada (Chile), Alejandro Borda Rojas, Luz Marina Rivera (Colômbia), Igor Azcuy González (Cuba), Emilio Rafael Izquierdo Miño, Gustavo Anda Sevilla (Equador), Alejandro de la Peña Navarrete, Diana Morales (México), Digna M. Donado (Panamá), Bernardino Hugo Saguier Caballero, Raúl Cano Ricciardi, Pedro Villalba (Paraguai), Aída García Naranjo Morales, María de Fátima Trigos Sakuma, Ricardo B. Romero Magni (Peru), Juan Alejandro Mernies Falcone, Linda Rabbaglietti, Ivannah Garelli Ruggia (Uruguai), Juan Carlos Gómez Urdaneta, María Luisa de Paz Rivas (Venezuela), Maurizio Gelli (Nicarágua), Vincenzo Palladino (Itália), Jaime Sotelo Salcedo (El Salvador), Fausto de León (República Dominicana), Norberto Ianielli (SEGIB) .

Secretário-Geral: Carlos Alvarez

Subsecretários: César Llona, Pablo Rabczuk

Convidados especiais: Ricardo Ehrlich, ministro de Educação e Cultura do Uruguai, Ana Olivera, prefeita de Montevideu, Homero Gerrero, secretário de Presidência, Diego Cánepa, prosecretário de Presidência, senador Carlos Baraibar, Parlamento do Uruguai, deputada Daniela Payssé, Parlamento do Uruguai, deputado Rubén Martínez Huelmo, Parlamento do Uruguai, Wilfredo Penco, vice-presidente “Corte Electoral” do Uruguai, Dante Dovená, embaixador da Argentina no Uruguai, Cecilio Crespo, Embaixada da Venezuela no Uruguai, Heinz Peters, embaixador da Alemanha no Uruguai, Nelson Simatovich, cônsul honorário de Suriname no Uruguai, Ignacio Hernaiz, diretor do Escritório da Organização de Estados Ibero-Americanos no Uruguai, Graciela Jorge, diretora da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência para o Passado Recente, Eduardo Piroto, integrante Conselho Diretivo da Secretaria de Direitos Humanos de Presidência para o Passado Recente, Raquel Lejtregger, subsecretária de Habitação do Ministério de Habitação do Uruguai (MVOTMA), Jorge Rucks, diretor nacional de Meio Ambiente, MVOTMA, Gimena Hernández, diretora regional América da Direção-Geral de Assuntos Políticos do Ministério das Relações Exteriores do Uruguai (MRREE), Lilian Ortiz, diretora do Departamento de Comunicação do Escritório de Planejamento e Orçamento (OPP), Adriana Barros (OPP), Mónica Xavier, presidenta da Frente Ampla; Luis Polakof, diretor de Desenvolvimento Econômico e Integração Regional da Prefeitura de Montevideu (IM), Alvaro Paciello (IM), Susana Mallo, decana da Faculdade de Ciências Sociais, UDELAR, Macarena Gelman, filha de desaparecidos, Eneida de León, presidenta do “SODRE”, Gonzalo Rodríguez, chefe de Gabinete do Alto Representante-Geral do MERCOSUL, Mariana Vázquez, coordenadora da Unidade de Apoio à Participação Social do MERCOSUL, Melena Laucero, “Servicio Paz y Justicia (SERPAJ)”, Nélide Fontora, Associação ex Presos Políticos, Pastor Armin Ilhe, “Confraternidad Judeo-Cristiano”, Ana Varela Espona, “Servicio Ecuménico para la Dignidad

Humana”, Ricardo Elena, “Fundación Mario Benedetti”, Adriana Rodríguez, diretora do “Banco República Oriental del Uruguay (BROU)”, Jorge Rodríguez, coordenador-Representante “Mercociudades”, Oscar Botinelli, diretor de “FACTUM”, José Manuel Quijano, exdiretor do MERCOSUL, Mónica González, Anistia Internacional, Mario Lev, diretor de “Somos Uruguay”, Eugenia del Palacio, Câmara Nacional de Comércio do Uruguai, César Bourdiel, diretor de Operações de Comércio Exterior, Câmara de Indústrias do Uruguai.

Mestre de Cerimônias. Boa tarde. Sejam todos bem-vindos. Iniciamos a 1187ª Sessão Extraordinária e Solene para receber a senhora Estela B. de Carlotto, primeira pessoa declarada “Cidadã Ilustre da América Latina” pelo Comitê de Representantes da ALADI, mediante sua Resolução 411 de 3 de setembro de 2014.

A seguir, a presidenta do Comitê, embaixadora Aída García Naranjo Morales, fará uso da palavra.

PRESIDENTA. Boa tarde a todas, a todos, a Estela. Hoje a ALADI terá uma cerimônia excepcional, um ato que a ALADI não esquecerá, em ato para o qual a ALADI se veste de emoção e solidariedade, porque não apenas rendemos homenagem a esta mulher declarando-a primeira cidadã ilustre da América Latina, mas também rendemos tributo a uma mulher-símbolo, a uma mãe-símbolo, a uma avó-símbolo, a uma mulher-coragem que nos representa em toda a América Latina e no mundo inteiro.

Quero dizer que, efetivamente, Estela Carlotto enfrentou uma longa noite, mas quero pedir-lhes um forte aplauso para Estela Carlotto, vencedora do medo.

- *Aplausos*

... Ela me diz que muitas mulheres somos assim e por isso rendo homenagem a esta mulher que, para nós, tem sido um símbolo excepcional nesta trajetória de vida. Como presidente do Comitê de Representantes da Associação Latino-Americana de Integração (ALADI), casa decana da integração, cabe-me lhe dar as boas-vindas. Na sala de recebimento da ALADI, e na porta principal, com a comissão que tínhamos que fazê-la ingressar a esta sala Cisneros, tão importante sala da integração para todos nós, mas eu dizia a ela que não é a primeira vez que a recebo. Também a recebi no Peru, como parte da Coordenadora Nacional de Direitos Humanos, junto a Francisco Soberón, Susana Villarán, Sofía Majer, Pillar Coll, o conjunto deste homes e mulheres que, na América Latina, enfrentamos a noite negra das ditaduras e enfrentamos essa tenaz luta por afirmar os direitos universais, os direitos humanos e fazer desta causa uma bandeira fundamental de nossos povos e isso é o que para nós significa a integração e isso é o que para nós significa Estela Barnes de Carlotto.

Estela nasceu em outubro. De família de ascendência inglesa, professora de escola primária, não tinha atuação pública; porém, tinha quatro filhos, como muitas das mulheres da América Latina. Em novembro de 1977, sua filha Laura foi sequestrada, em momentos em que o país era governado por uma ditadura cívico-militar. Muitos tivemos que viver nesses tempos difíceis.

Três dos filhos de Estela participavam em política: Laura Estela, estudante de história na Universidad de la Plata, militava no Peronismo; Claudia pertencia à

Juventud Universitaria Peronista; Guido Miguel integrava o Centro de Estudantes de sua escola secundária.

Em 5 de agosto de 1977, as forças armadas sequestraram seu esposo Guido Carlotto, que foi liberado após pagamento de 40 milhões de pesos, equivalentes a 30.000 dólares daquela época, depois de ter sido torturado. Nos fins de 1977, Laura, sua filha, grávida de três meses, foi seqüestrada e mantida com vida na cidade de La Plata até o parto, em 26 de junho de 1978. Obviamente, Estela fez grandes gestões para a libertação de sua filha e se entrevistou até com o general Reynaldo Bignone.

Em 1978, começou a participar das atividades de Avós de Praça de Maio. O mundo inteiro viu percorrer as Avós de Praça de Maio, que se transformaram, para nós todos, em símbolo dessa luta, em paradigma do que significou esse percorrido dia após dia, em uma excepcional cirurgia do que representava essa possibilidade, essa forma nova de luta, de dizer que queriam seus filhos, que queriam seus netos, que procuravam seus desaparecidos, como ocorreu em toda a América Latina.

Carlotto começou a procurar e exigir a aparição do seu neto. Em 25 de agosto, foi convocada pelos militares, que lhe entregaram o cadáver de sua filha. Ela exigiu, então, a aparição de seu neto e, efetivamente, foi uma das fundadoras das Avós de Praça de Maio e uma das presidentas históricas.

Em 1985, já em democracia, fez exumar o corpo e uma equipe de antropologia forense o examinou profundamente para determinar, com exatidão, tudo o que os militares tinham negado, comprovando que era sua filha. Desta vez, ela quis vê-la; viu seus ossos, seu cabelo, e encerrou o luto. Durante quase quatro décadas, Estela de Carlotto procurou seu neto, colaborou para encontrar os filhos de milhares de desaparecidos durante os anos da Junta Militar argentina. Estela caminhou desfrutando o que outras avós abraçavam como próprio, pensando quando seria a sua vez de escutar a campainha, uma voz, o sangue comparado que dissesse: "eu sou teu neto Guido". Então, ela dizia que "tocarão no céu os violinos da vitória e Laura – sua filha –, desde ali, sorrirá para mim".

Em 5 de agosto de 2014, aos 84 anos, depois de quase 40 anos de luta e de outros 113 netos recuperados, Carlotto acrescentou mais outro capítulo à sua história e trouxe novamente à memória a mãe assassinada de Guido; a sua Laura estaria dizendo: "mãe, você ganhou uma longa batalha".

Muitas vezes, as mulheres perdemos carreiras de 100 m, mas, geralmente, ganhamos as carreiras de resistência, as de longo prazo, as de fundo. Carlotto é uma delas, como tantas mulheres da América Latina.

Hoje em dia, Guido é pianista e compositor; é maravilhoso enfrentar a vida dessa maneira. É filho de Walmir Oscar Montoya e de Laura Estela Carlotto, que se encontravam na clandestinidade como militantes da organização peronista Montoneros. Já tinha celebrado a identificação de outros netos, antes de ser ele próprio protagonista de uma histórica descoberta.

São muitas as condecorações e reconhecimentos recebidos por Estela de Carlotto, diferentes prêmios aos direitos humanos. Foi declarada cidadã ilustre em diferentes espaços, entre eles, no MERCOSUL, na cidade de La Plata, em San Carlos de Bariloche, na cidade de Pergamino, em Pehuajó, na Universidade de Tucumán; já teve diferentes menções de honra e doutorados honoris causa em diferentes universidades, que o tempo não nos permite destacar agora. Porém, em nome do Comitê de Representantes da Associação Latino-Americana de Integração, tenho a

honra de declará-la cidadã ilustre da América Latina, primeira cidadã ilustre declarada pela Aladi. Isso nos honra nesta sala em que lhe rendemos nossa homenagem e lhe oferecemos um grande aplauso.

- *Aplausos*

... Finalmente, quero dizer que o melhor prêmio, o melhor símbolo, a melhor distinção que ela leva tem o nome de Guido, e que aos 114 Guidos sucederão muitos Guidos mais. Não tenho dúvidas de que a sua luta não vai parar. Muito obrigada.

Gostaria, a seguir, dar o uso da palavra a Carlos "Chacho" Alvarez, para manifestar-lhe seus sentimentos e seu reconhecimento a nossa querida Estela Barnes de Carlotto.

SECRETÁRIO-GERAL. Muito obrigado. Em primeiro lugar, gostaria de pedir desculpas a todas as amigas e a todos os amigos, colegas, companheiras, companheiros, embaixadores, alternos, ministros, prefeita de Montevideú, presidentes de partidos políticos...seria muito longo nomeá-los a todos. Em nome da Aladi, agradeço muito a presença de todos vocês, porque este encontro nos impacta e nos emociona. Queremos agradecer a presença do chanceler Luis Almagro, que sempre nos acompanha, solidário e comprometido com as atividades da nossa instituição.

Estou convencido de que estamos outorgando esta distinção a uma mulher excepcional, uma mulher que teve coragem e que soube transformar a dor, a perda e o sofrimento em uma grande gesta coletiva, carregada de uma fortaleza extraordinária, de amor e de esperança.

Muitos dos nossos países – como todos sabemos – tiveram golpes militares, ditaduras militares e, em muitos casos, ocorreram crimes de lesa humanidade. No caso da Argentina, a ditadura que assolou o país de 1976 a 1983, cometeu muitos desses crimes, mas cometeu um que nos horroriza toda vez o nomeamos: o roubo e o sequestro de bebês, dos recém-nascidos dos que morriam em cativeiro, ou seja, o roubo dos filhos dos desaparecidos e dos assassinados.

Isto foi parte de uma tragédia que mudou a vida de muitas famílias, de muitos lares e de muitas mulheres, mães e avós. Mudou a vida de mulheres como Estela, uma mulher comum, uma professora de escola primária que, a partir dessa dor e desse sofrimento, dedicou a sua existência e a sua luta a encontrar esses netos desaparecidos, restituir-lhes sua identidade, sua biografia, para que pudessem encontrar-se com eles mesmos. Fez do valor da verdade o ponto fulcral, como inegociável, e o valor da justiça para reparar, de alguma forma, tanta dor, tanto sofrimento e tanta perda.

Foram mais de 35 anos de luta diária por esta causa. Estela tem sido e é emblema e referente das batalhas que já se ganharam, que não foram poucas, porque são 115 os netos recuperados pelas Avós de Praça de Maio, e será artífice e será emblema e referente das dezenas de avós que esperam, que sonham, que almejam abraçar seus netos, como Estela o fez.

Para muitos dos que estamos aqui – acho que para todos – Estela é um exemplo e uma referência. É por essa admiração que lhe temos que lhe rendemos toda essa homenagem. O que admiramos nela? Nos momentos mais duros e difíceis, na noite mais tenebrosa e mais obscura, ela manteve uma força inigualável. Admiramos sua coerência, sua convicção e sua entrega para uma causa humanística que nos abrange a todos, para além das adesões partidárias e das convicções ideológicas, porque a

causa dos direitos humanos é uma causa que tem a ver, justamente, com esse espírito humanista, do qual Estela foi um baluarte. Quero deixar isto bem em claro. Estela foi um baluarte fundamental no fortalecimento da democracia e da paz, porque sempre trabalhou com a ideia de democracia e de paz, nunca com a ideia de revanche, de vingança ou de violência. Estes são dados centrais na história política de muitos países e, especialmente, do nosso.

Há poucos dias, ela nos trouxe uma grande alegria a todos nós, um grande momento de felicidade. Tenho que dizer a Estela —porque todos fomos um pouco você— que você nos deu um momento de enorme felicidade quando te vimos serena, linda, mas, ao mesmo tempo, invadida dessa felicidade de ter vencido uma batalha, de cumprir com um compromisso tão exigente quanto com a tua filha Laura, que era encontrar seu filho depois de mais de 35 anos, e sempre com esse sorriso, com essa paz, com essa ternura, com essa tolerância. Por isso, Estela é um exemplo para todos nós.

Eu quero terminar com algo que ela nos transmite a todos nós, que foi parte das nossas vidas, e de muitas das que estão aqui e que viveram todo esse sofrimento, essa dor e essas perdas de perto.

O primeiro que quero assinalar, e que Estela alimentou, é a ideia de que quando abraçamos uma causa e uma batalha sem cansaço, sem renúncia, sempre semeamos frutos, mas cedo ou mais tarde chega a recompensa. Isso é um extraordinário aprendizado que a vida e a luta de Estela nos traz. O segundo, que a vida que merece ser vivida é aquela em que abraçamos um propósito, uma causa nobre. Estela, essa causa e esse propósito que você abraçou pela memória, pela verdade e pela justiça nos dignifica e nos faz bem a todos. Muito obrigado pelo que você faz.

PRESIDENTE. Muito obrigada ao secretário-geral pelas suas palavras. Queremos dizer que, nesta sessão extraordinária da nossa querida ALADI, é uma honra para a nossa instituição contar com a presença do chanceler da República, embaixador Luis Almagro, a quem convidamos para fazer uso da palavra nesta sessão solene, tão importante para a nossa instituição. Muito obrigada, chanceler, e bem-vindo a esta casa, que é a sua.

MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO URUGUAI (Luis Almagro Lemes). Coerência, fortaleza, dignidade, tenacidade... têm a ver com a luta que em determinado momento, tempo crítico da história e de sua vida, Estela de Carlotto se propôs. Sua luta nos representa a todos, porque diz respeito à dignidade humana. Essa luta tem a ver com todos nós, com aquelas coisas que queremos que sejam boas, que sejam dignas, que sejam justas.

Obviamente, seu exemplo é fundamental para todos os que estamos aqui. Ela nos traçou um caminho: era necessária muita convicção, muita militância, muita capacidade de luta para ultrapassar todos esses limites que atravancavam a justiça e a verdade nesse momento. Lutas que são fundamentais porque nunca acabam. Devemos demonstrar também a mesma capacidade, a mesma coerência, fortaleza, dignidade, tenacidade que Estela de Carlotto tem nos demonstrado.

Essa luta é essencial para todos os nossos países da América Latina. Por isso, nada mais justo do que este reconhecimento. Nada mais justo, porque nos mostrou também aquilo que vem da sociedade civil, do cidadão puro, simples, para enfrentar as agressões mais ferozes ou mais violentas do poder, para enfrentar os obstáculos mais fortes que podemos ter, os sistemas políticos ou as ditaduras mais abjetas às que os lutadores pelos direitos humanos e a sociedade civil têm se enfrentado.

Este reconhecimento começa no Uruguai porque ela é um exemplo para o país. O Uruguai tem batalhas e responsabilidades pendentes. Foi parte da repressão e do crime, foi parte da mentira estendida no tempo, quando se falava que aqui não havia filhos de desaparecidos, por exemplo, por parte das pessoas do nosso sistema político. O Uruguai foi parte da injustiça; ainda o é porque não todos sabem a verdade, nem todos têm tido sua reparação.

No país das coisas não resolvidas, esse país não é o país do *nunca mais*, pode ser o país das coisas que continuam acontecendo; por isso, definitivamente precisamos verdade e justiça, é o que devemos legar ao mundo do futuro, não para a nossa geração, mas para as gerações que vêm, para que nunca mais haja netos de desaparecidos, para que nunca mais haja uma agressão contra uma criança pelo sistema político, nem uma violação de direitos humanos da criança em nenhum sistema político latino-americano.

O crime contra uma criança é absolutamente injustificável; é até contrário à natureza. Por isso, é bom lembrar esse banco de dados genético que guarda o ADN da identidade de nossos povos, a genética de nossas lutas e de nossos ideais, e ninguém encarna isso melhor do que Estela de Carlotto. Porque nossas lutas nos identificam, a luta pela democracia, a defesa dos direitos humanos, a luta pela dignidade dos países, das nações irmãs e soberanas.

Há mais de três décadas este continente era representado nos fóruns internacionais pelas personalidades mais abjetas da diplomacia uruguaia, defendendo violações de direitos humanos. Nem o tempo nem a pílula do esquecimento sara as feridas. Hoje sabemos que não é o tempo, mas a verdade e a justiça que saram as feridas. Nunca podemos perder a memória da aberração das ditaduras da América Latina, não podemos legar para o futuro conceitos bastardos em matéria de direitos humanos, com dupla moral, com mentiras, verdades, falsidades e envilecimento, não podemos pensar em perder democracia ou vigência e proteção dos direitos. Por isso, Estela é ilustre, é singular, é um exemplo, como boa professora nos ensinou grande parte do caminho que devíamos percorrer e que ainda devemos percorrer em nossa América.

Temos que reconhecer que ela nos presenteou a todos com felicidade; como dizia Chacho, nos curou do ceticismo, nos deu esperança contra o ceticismo, nos firmou contra a negação, nos devolveu as mais lindas instâncias humanas que podemos ter, essas que têm a ver com a valentia, com a ternura, conceitos que o Che Guevara reuniu em determinado momento.

É o direito à verdade e à justiça e é o heroísmo desta pessoa que nos devolveu tanta dignidade humana em momentos tão cruciais para os nossos povos o que demonstra que jamais devemos renunciar, que o nosso caminho é para a frente e que estamos cheios de futuro, como ela está cheia de futuro com o seu neto.

O meu reconhecimento e o reconhecimento de todos os países, da América Latina a essa luta incansável e a tanta verdade, tanto sacrifício, tanto heroísmo, tanta docência, ensinamento, exemplo, dignidade, tantas coisas boas que nos deixou, que nos foi permeando com cada passo que deu. Muito obrigado.

Mestre de cerimônias. Durante sua busca, a senhora Estela de Carlotto escreveu várias cartas para o seu neto Guido em diferentes ocasiões. A seguir, o senhor Juan Leyrado lerá a carta que Estela de Carlotto escreveu quando o seu neto fez 18 anos.

JUAN LEYRADO. Em junho de 1996, no dia em que o seu neto Guido fazia 18 anos, Estela escreveu a seguinte carta:

“Hoje você faz 18 anos. Quero te contar coisas que você não sabe e te manifestar sentimentos que você não conhece. Os teus avós fazemos parte dessa geração para a qual cada data tem um valor especial e singular.

O nascimento de um neto é uma dessas datas. O batismo (ou não), os primeiros passos, a comunhão (ou não), a perda do primeiro dente, o jardim de infantes, o uniforme branco e o pedido de "vovó: me ensina as tabuadas". São momentos transcendentais. Por isso, esta data, em que você faz 18 anos, passará a ser especial e singular como todas as outras que não pudemos viver com você.

Porque te roubaram dos braços de tua mãe Laura poucas horas depois de nascer, em um hospital militar, algemada, custodiada, para depois, furtiva e maliciosamente, te roubar para um destino incerto. Você está crescendo em teus sonhos e belos 18 anos com outro nome, Guido. Não é teu pai nem a tua mãe que celebram com você tua idade adulta, mas teus ladrões.

O que eles não imaginam é que em teu coração e em tua mente você leva, sem saber, todo o carinho e os acalantos que Laura, na sua solidão do cativeiro, te sussurrou, quando você se mexia em seu ventre.

Um dia você vai acordar sabendo quanto ela te quis e quanto te queremos todos nós. E você perguntará um dia onde nos encontrar. E procurará no rosto de sua mãe a semelhança e descobrirá que você gosta da ópera, da música clássica e do jazz (que antiguidade!) como teus avós. Você escutará Sui Generis, Almendra ou Pappo, sentindo-os no fundo do seu ser, porque assim os sentia Laura. Você acordará algum dia, querido neto, desse pesadelo e nascerá para a sua liberação. Estou te procurando.

Te espero. Com muito amor. Tua avó Estela”.

- Aplausos

Mestre de cerimônias. A senhora Belela Herrera, ex vice-chanceler do Uruguai, lerá a carta que Estela de Carlotto escreveu quando o seu neto fez 33 anos.

BELELA HERRERA. Em junho de 2011, no dia em que o seu neto Guido fazia 33 anos, Estela escreveu a seguinte carta:

"Ao meu querido neto Guido:

Hoje você faz 33 anos. A idade de Cristo, como diziam, "dizemos", as velhas. Com esta inspiração, penso nos Herodes que "te mataram" no momento de nascer ao apagar teu nome, tua história, teus pais. Laura (María), tua mãe, estará chorando neste dia a tua crucifixão, e desde uma estrela esperará a tua ressurreição à verdadeira vida, com tua real identidade, recuperando tua liberdade, rompendo as grades que te oprimem.

Querido neto, quanto eu daria para você se materializar nas mesmas ruas nas que eu te procuro desde sempre. Quanto eu daria por te dar este amor que me afoga há tantos anos. Espero esse dia com a certeza das minhas convicções, sabendo que, para além da minha felicidade pelo encontro, os

teus pais, Laura e Chiquito, e o teu avô Guido, desde o céu, nos apertarão num abraço que não nos separará jamais.

Tua avó, Estela."

- Aplausos

Mestre de cerimônias. Leremos agora duas cartas que recebemos para Estela de Carlotto, uma delas é do senhor presidente da República, José Mujica.

*“Senhora
Presidenta de Avós de Praça de Maio
Estela Barnes de Carlotto
Nesta*

O senhor presidente da República Oriental do Uruguai, José Mujica Cordano, manifesta suas sinceras felicitações pela merecida homenagem oferecida nesta oportunidade a uma grande lutadora pela Justiça e pelos Direitos Humanos, alguém que dedicou anos de sua vida para encontrar, pouco a pouco, os filhos de tantos detidos desaparecidos durante a última ditadura na irmã República Argentina.

Hoje, os frutos dessa luta interminável se refletem no aparecimento de mais de cem netos, dentre os quais, o seu, e que conseguiram se reunir com suas famílias, das que o regime os retirou quando nasceram em cativeiro.

É por todo esse acompanhamento, essa pesquisa e entrega durante a luta incansável junto a todas as integrantes de Avós de Praça de Maio que o presidente renova as felicitações, no momento em que este prestigioso organismo, como a ALADI, a distingue como Cidadã Ilustre da América Latina.

O mandatário solicita estender as felicitações e cumprimentar todas as integrantes dessa organização, que luta pela memória, pela verdade e pela justiça.”

Aplausos

... Também chegou outra carta.

“Para Estela e todas as Avós:

A nossa Cidadã Ilustre, Estela de Carlotto, por sempre jovem, incansável lutadora pela recuperação dos netos desaparecidos, simboliza todos os que acreditamos que crer é querer, e querer é nascer de novo: reconhecer-se no espelho que devolve o rosto verdadeiro.

As Avós da Praça de Maio conseguiram que as agulhas do relógio do tempo corressem para trás. Nesse ritmo, Estela, teremos de pedir-lhe para parar de rejuvenescer, pois ficam poucas vagas nas aulas pré-escolares.

Parece milagre; pero que los hay, los hay: no movimento pela verdade, há cada vez mais gente de todas as idades, unidos todos na grande família que eles são.

A democracia tem ainda bastante caminho por percorrer em vários países latino-americanos. Não é fácil apagar a herança das cadeias, onde se

praticava o tiro ao alvo fuzilando presidiários, e onde os enfardados desfrutavam do seu tempo de lazer inventando novos métodos de tortura.

Não é fácil, quero dizer, apagar essa herança. Não é fácil, mas é possível. Estela de Carlotto simboliza a recuperação da memória proibida.

*A memória ajuda a recuperar o passado perdido.
A amnésia ajuda a morrer.
Você escolhe.*

Eduardo Galeano”

- *Aplausos*

... Também recebemos outras cartas: da Delegação Argentina do Parlamento do MERCOSUL, do Parlamento Latino-Americano, da professora e inspetora Celsa Puente, diretora-geral de secundária. Também recebemos cartas da *Asociación de Madres y Familiares de Uruguayos Detenidos Desaparecidos*.

PRESIDENTE. Muito obrigada. Esta cerimônia é realmente emotiva, este ato de homenagem especial. Gostaria de convidar os Representantes Permanentes do Comitê da ALADI para fazer uso da palavra.

A Representação do Brasil tem a palavra. Embaixadora Maria da Graça Nunes, por favor.

Representação do BRASIL (Maria da Graça Nunes Carrion). Muito obrigada, Excelentíssimo senhor Chanceler, Excelentíssima senhora Estela de Carlotto, Secretário-Geral, senhora Presidenta, queridos colegas e amigos, tenho o profundo orgulho de participar desta sessão extraordinária e solene do Comitê de Representantes da ALADI, para render justa homenagem à senhora Estela de Carlotto pela sua incansável luta pela promoção e respeito irrestrito dos direitos humanos, memória e justiça.

A sociedade brasileira, e eu em particular, sempre acompanhamos com enorme interesse e solidariedade, desde abril de 78, sua participação nas atividades das Avós da Praça de Maio, estabelecendo a partir desse momento uma contundente batalha pela restituição e reparação do seu neto Guido e das demais crianças desaparecidas durante a ditadura militar.

Eu tive o privilégio de viver em seu país durante três ocasiões, duas delas como diplomata na Embaixada do Brasil, e foi nessa condição que pude apreciar mais de perto a tarefa empreendida diariamente pelas valentes Avós da Praça de Maio, caminhando com seus cartazes com chuva, sol, e pelas ruas, muitas vezes nas condições mais adversas e violentas impostas pela ditadura militar.

Eu as via com seus característicos lenços brancos na cabeça, sempre com a mesma disposição para continuar lutando e sempre com o olhar do que no Brasil se chama *cheia de saudade*. *Saudade*, senhora Carlotto, é uma palavra portuguesa intraduzível, mas que denota vazio na alma, ausência, e isso se percebia. Felizmente, hoje o seu olhar reflete uma luz diferente, a senhora recuperou seu neto e estamos todos felizes pela senhora e pelos demais netos recuperados.

Esta sessão solene do Comitê de Representantes da ALADI, em que a senhora é reconhecida como Cidadã Ilustre da América Latina, inaugura um momento novo na

ALADI, um momento relacionado com temas de maior transcendência nos países da região, que vão muito além da dimensão estritamente econômico-comercial que temos todos os dias neste âmbito.

Trata-se de um momento importante para, uma vez mais, celebrar o reencontro e a recuperação do seu neto Guido, um agosto deste ano, e hoje sabemos que é um reconhecido pianista, compositor e, como dizia sua carta, um amante do jazz aos 18 anos.

A senhora de Carlotto tem uma das trajetórias mais significativas em matéria de direitos humanos, do combate à repressão e de promoção da liberdade. Nesta oportunidade, não poderia deixar de manifestar que, pela natureza de suas atividades, pela sua gestão encabeçando as Avós de Praça de Maio e pela sua presença nesta casa, estamos todos muito orgulhosos e honrados. Muito obrigada por estar aqui.

PRESIDENTE. Muito obrigada, Embaixadora. Convidamos o embaixador da Colômbia para fazer uso da palavra, Alejandro Borda.

Representação da COLÔMBIA (Alejandro Borda Rojas). Muito obrigado, senhora Presidente. Senhor ministro das Relações Exteriores do Uruguai, senhor secretário-geral, distintos assistentes a esta reunião, distinta senhora Estela de Carlotto.

Para a Representação da Colômbia é uma honra somar-se a esta homenagem que a Associação Latino-Americana de Integração rende hoje para a senhora. O seu decidido e incansável compromisso com a causa dos direitos humanos é admirável. Sendo a senhora e os seus familiares mais próximos vítimas de arbitrariedades, atropelos e crimes, e em sua qualidade de Presidente das Avós de Praça de Maio não parou nem um instante só de denunciar as obscuras e nefastas gestões da ditadura, que afetaram tantos dos seus concidadãos, em procura da verdade histórica que fez possível devolver sua verdadeira identidade a 114 filhos e netos.

Estou convencido de que a recente descoberta e a plena identificação do seu neto Guido Montoya Carlotto, nascido durante o cativeiro da sua filha Laura Estela, vítima de desaparecimento forçada, não é apenas motivo de orgulho e alegria, mas transformou-se em um símbolo admirável e paradigmático da defesa dos direitos humanos no mundo.

Somando-nos ao sólido consenso que, no âmbito da nossa Associação Latino-Americana de Integração, convocou a proposta de lhe render homenagem e um reconhecimento especial, somos plenamente conscientes do transcendental significado da sua causa.

Tenho certeza de que o seu exemplo se espalhará para além das fronteiras e que animará qualquer processo de paz, verdade e reparação que surgirem no mundo.

Parabéns. A ALADI a distingue hoje como Cidadã Ilustre da América Latina. Recebe as felicitações do governo da Colômbia e as minhas, em qualidade pessoal. Muito obrigado.

PRESIDENTE. Muito obrigada, Embaixador. O embaixador do Equador, Emilio Izquierdo, tem a palavra.

Representação do EQUADOR (Emilio Izquierdo Miño). Muito obrigado. Uma saudação especial a todas as pessoas presentes neste ato, senhoras e senhores, senhora Estela de Carlotto.

Quero manifestar, em poucas palavras, a enorme alegria que sinto como representante permanente do Equador, e em nome da Delegação equatoriana junto à ALADI, por ser parte deste momento histórico em que, pela primeira vez, a nossa organização outorga um reconhecimento de Cidadã Ilustre da América Latina a uma pessoa querida universalmente pela sua luta exemplar, incansável, enérgica, pela defesa dos direitos humanos.

Com tudo o que já aconteceu e continua acontecendo em nosso convulsionado mundo, haverá outra atividade pública que tiver mais humanidade e solidariedade? É difícil encontrá-la. Por isso, esse ato tem uma transcendência essencial: valoriza, salienta e reconhece uma vida entregue ao mais profundo da natureza humana, que tem a ver com o amor, com tudo o que felizmente se fala sobre as Avós de Praça de Maio, que merecem a nossa homenagem e admiração pela sua luta pela memória, verdade e justiça, três pilares que sintetizam todas as batalhas pelos direitos humanos.

Esta é a maneira mais nobre que temos de prestigiar tudo o que a senhora Estela de Carlotto representa com maiúsculas. Quero agradecer e felicitar a iniciativa que nos apresentou o nosso querido colega, Juan Manuel Abal Medina, representante permanente da Argentina junto à ALADI, e que aceitamos imediatamente como o mais imediato e mais entusiasta dos nossos consensos.

Hoje tivemos a oportunidade de ouvir, comovidos, as tão belas cartas ao seu neto invisível, mas com a certeza de que a música corria pelas veias do ser ausente. Por isso, esta também é uma homenagem a Laura e a Guido.

Querida Estela, no Equador queremos muito e temos uma grande admiração pela senhora. Estamos muito felizes pelo convite feito pelo nosso presidente, Rafael Correa, para que em poucos dias visite o nosso país. Poderá constatar diretamente o carinho de um povo que respeita e defende, acima de tudo, os direitos humanos, e que, em grande parte, se inspirou em seu maravilhoso exemplo.

Em nome do Equador, saúdo esta homenagem tão justa e tão emotiva que hoje lhe rendemos.

PRESIDENTE. Muito obrigada, Embaixador. Oferecemos a palavra, por favor, ao embaixador do Paraguai, Hugo Saguier.

Representação do PARAGUAI (Bernardino Hugo Saguier Caballero). Muito obrigado, Presidente. Distinta Cidadã Ilustre da América Latina, distinta Avó.

Para os paraguaios, tão ligados e irmãos da nação argentina, a senhora tem sido um símbolo, um símbolo mais de luta em épocas obscuras no meu país. Nessa luta, a senhora tem nos ajudado em nossa própria resistência, na longa luta pela recuperação dos direitos humanos que, hoje, felizmente, regem novamente no Paraguai.

Entre tantos desaparecidos, também houve filhos e netos de paraguaios residentes no seu país; a senhora sabe disso. Acompanham-na nesta longa luta de 40 anos. Alguns deles, os responsáveis, autores dessas desapareições, procuraram no meu país amparo e refúgio, e tiveram-no.

Quero contar-lhe uma experiência pessoal que vivi. Em 1989, a democracia foi restaurada no meu país e eu fui nomeado vice-chanceler. Uma das primeiras visitas que recebi, em fevereiro de 1989, foi do então subsecretário de Direitos Humanos da

Chancelaria Argentina, o doutor Leandro Dupuy, que foi expressamente solicitar a extradição e o retorno de crianças que tinham sido sequestradas e que estavam refugiadas no Paraguai.

Uma das primeiras ações desse governo que lutou pela restauração dos direitos humanos no Paraguai foi, precisamente, tomar providências de forma imediata para a devolução dessas crianças aos seus pais e a extradição dos responsáveis que os tinham seqüestrado.

Isso aconteceu há 25 anos. Nesse ato, nesta homenagem tão merecida, querida Avó, tenho a satisfação de ter encontrado um cidadão ilustre do Paraguai, um estrangeiro que, tendo exercido a representação de sua igreja no Paraguai, o pastor Ihle, está presente aqui no dia de hoje. O presidente do Comitê de Igrejas no Paraguai naquela época tão obscura, um grande lutador pela restauração dos direitos humanos no Paraguai, hoje está presente como um paraguaio mais, representando a este grupo que, repito, sentiu-se inspirado no que a senhora fazia e, de alguma maneira, nós também o recuperamos.

Em nome de todos os paraguaios que reconhecemos a sua luta e daqueles paraguaios que moram na nação argentina, felicitamos a senhora De Carlotto por esta homenagem tão merecida. Tenha certeza de que todos os que estamos presentes aqui nos emocionamos muito com a senhora quando reencontrou seu querido neto. Parabéns; é realmente um prazer poder participar desta tão merecida homenagem. Muito obrigado.

PRESIDENTE. Muito obrigada, Embaixador. Por favor, o ministro conselheiro do México, Alejandro de la Peña, tem a palavra.

Representação do MÉXICO (Alejandro de la Peña Navarrete). Obrigado. Excelentíssimo chanceler Almagro, senhora Estela Barnes de Carlotto, não a conheço tanto como para lhe dizer Avó, mas a admiro muito. Senhor secretário-geral, presidente do Comitê de Representantes, distintas personalidades aqui presentes, amigas e amigos.

O embaixador Felipe Enríquez tinha previsto estar presente nesta cerimônia. Ele tinha trocado um vôo, mas, infelizmente, o seu avião de volta do México não saiu por mau tempo, mas ele manda suas mais cordiais saudações.

Gostaria de começar por agradecer ao embaixador da Argentina, Manuel Abal Medina, por tomado a iniciativa que permitiu realizar esta reunião extraordinária do Comitê de Representantes da ALADI.

Senhora de Carlotto, o México está muito feliz com a sua presença nesta sessão solene, que a declara formalmente Cidadã Ilustre da América Latina. Esta distinção, a primeira em seu gênero nesta casa, é outorgada em reconhecimento à sua perseverante tarefa na promoção e no respeito irrestrito dos direitos humanos, bem como à sua permanente luta pela memória, verdade e justiça.

Para o México, o respeito dos direitos humanos e das liberdades fundamentais de todos os cidadãos é condição essencial para a vigência e a evolução do processo de integração que promove esta Associação. De nada serve o processo econômico se não é acompanhado do respeito dos direitos fundamentais dos nossos povos, coletiva e individualmente, incluindo o direito de cada pessoa de viver com dignidade, liberdade e justiça. Os direitos humanos não são apenas um grande conceito; são os nossos direitos e há que defendê-los todos os dias, como a senhora tem demonstrado.

Senhora de Carlotto, sua valiosa tarefa na defesa dos direitos humanos e a incansável busca que fez durante anos, sem jamais baixar os braços, é um exemplo que todos devemos seguir para que a injustiça sofrida pela senhora e por tantas pessoas nessa longa e sinistra noite nunca seja esquecida e nunca mais se repita.

Sabendo que o seu sofrimento percorreu um longo caminho —36 anos—, ficamos muito felizes com a notícia de que, finalmente, encontrou o seu neto. Também nos satisfaz saber que não por isso deixará de seguir lutando junto às Avós de Praça de Maio para localizar e de restituir às suas legítimas famílias a todas as crianças sequestradas ou desaparecidas durante a ditadura militar imposta no seu país nos fins dos anos 1979 e princípios de 1980. A recuperação dos netos e dos filhos desaparecidos é a recuperação do futuro que tentaram roubar aqueles que, "espertamente", roubaram as crianças dos braços dos seus pais legítimos.

Para terminar, gostaria de agradecer ao secretário-geral, Carlos "Chacho" Álvarez, e à presidente do Comitê de Representantes, a embaixadora Aída García Naranjo, pelo esmero e pelo entusiasmo com que foi preparada esta sessão solene do Comitê, para reconhecê-la, senhora de Carlotto, como Cidadã Ilustre da nossa querida América Latina.

E finalmente – apesar de que tinha dito que esse era o meu último parágrafo – foi comentado aqui que a senhora está cada vez mais jovem. Tive o prazer de conhecê-la em Brasília, quando era embaixador do México nesse país, se lembro bem, na projeção do filme *La historia oficial*. A senhora estava lá, o filme me emocionou muito, me abriu os olhos a uma realidade impressionante. É um prazer revê-la e constatar que, quem falou que a senhora está cada vez mais jovem, tem toda a razão. Obrigado.

PRESIDENTE. Muito obrigada, Ministro. Suas palavras são muito amáveis. Oferecemos a palavra ao representante alterno interino de Cuba, Igor Azcuy.

Representação de CUBA (Igor Azcuy). Boa tarde a todos. Boa tarde, chanceler Luis Almagro, secretário-geral, presidente. Boa tarde a todos os presentes. Boa tarde, excelentíssima Estela de Carlotto. Eu poderia, sim, chamá-la de vovó porque quando vi a data de nascimento do seu neto, reparei em que ele nasceu apenas alguns meses antes do que eu. Aliás, o seu cabelo parece com o da minha avó.

Esta é uma cerimônia muito emotiva, uma cerimônia que ficará em minha memória como tocando a história tão triste da América do Sul com as ditaduras. Nós tivemos uma ditadura, mas acho que as coisas que vi aqui, que li, chegam profundo na sensibilidade humana de qualquer ser humano.

É muito grato saber que a senhora atingiu o sonho de encontrar o seu neto, que a senhora é um exemplo de tenacidade, de perseverança, de avó, de mãe. Sinto muito que a minha família não esteja hoje aqui, mas esta noite, no jantar, contarei tudo isto para eles. É a forma que temos para estes fatos não ficarem no esquecimento. Este passo é um avanço para a América Latina.

Esta manhã, amanhecemos com a notícia de que um jovem do partido socialista venezuelano foi assassinado dentro do seu apartamento, algo muito inquietante. Também, continuam sendo violentados os direitos humanos de três cubanos presos nos Estados Unidos, que estão ali há mais de 16 anos, sem que os crimes tenham sido provados. Como essas, há outras situações que nos preocupam, mas este passo é importante e que tinha que acontecer com a senhora.

O povo de Cuba está muito feliz. Eu falo pelo povo cubano porque estou aqui representando o meu povo. Tomara possa ir a Cuba convidada por nosso governo, para poder ver tudo pessoalmente.

O chanceler fazia referência ao Che Guevara. O Che escreveu, na carta que deixou para os seus filhos, que devemos sentir como própria qualquer injustiça cometida contra qualquer pessoa. Acho que é esse o sentimento de todos os presentes e o sentimento da América Latina ao declará-la Cidadã Ilustre de nosso continente. Muito obrigado, muito sucesso e tenha muitos momentos felizes com o seu neto.

PRESIDENTE. Muito obrigada ao representante da Delegação Cubana. Oferecemos o uso da palavra ao embaixador do Chile, Eduardo Contreras.

Representação do CHILE (Eduardo Francisco Contreras Mella). Senhor chanceler da República, senhora Presidente do Comitê, senhor Secretário-Geral, senhora Cidadã Ilustre, autoridades do governo e autoridades do parlamento do Uruguai, colegas embaixadores, pessoal da ALADI, Representantes Permanentes e Alternos, distinto público.

Quero falar, por um lado, como representante do governo que preside Michelle Bachelet, que me solicitou que transmitisse seu abraço fraterno, e não poderia ser de outra maneira, como velho acompanhante de muitos anos e assessor dos comitês de familiares das vítimas da ditadura de Pinochet no Chile.

E, nesse sentido, o que quero saudar é a possibilidade que a vida me dá de poder dizer-lhe pessoalmente: obrigado, obrigado Estela de Carlotto, porque nos momentos mais duros de nossa longa luta, tão longo como a de vocês, em um túnel sem saída, em uma escuridão sem luz, quando pensávamos que não íamos poder processar Pinochet, quando pensávamos que não conseguiríamos saber toda a verdade, exemplos de muitas pessoas, mas, entre outros, o seu exemplo e das suas colegas, nos iluminavam e nos indicavam que este tipo de luta é uma luta sem trégua e sem descansando e que só lutando dessa maneira conseguiríamos os frutos que a senhora hoje em dia está desfrutando.

Por isso, com respeito, com profundo respeito, mas também, com muito carinho, chamo-a de companheira Estela. Obrigado pelo seu apoio, pela sua ajuda; a senhora é uma pessoa que demonstrou que é possível que a vida triunfe sobre a morte, que o sorriso derribe o pranto. Por isso, obrigado por estar aqui, por me permitir saudá-la.

Também, tenho que dizer que essa sua alegria é compartilhada por todos. A senhora acaba de declarar à imprensa que não deixa de sorrir e culpa ao seu neto, Guido, desse sorriso. Quanta alegria! Como alguém falou hoje aqui, a alegria também é nossa. Aliás, ele é músico, ou seja, que acrescenta beleza extra a esse encontro singular de vocês dois.

O companheiro de Cuba dizia algo muito importante: há dívidas pendentes, a luta ainda não terminou. Por um lado, trata-se de fechar as feridas que ficaram abertas desde aquelas ditaduras da América Latina que criaram a política de terrorismo de estado, todas criadas pelo mesmo poder hegemônico que todos os que estamos aqui sabemos que é o verdadeiro responsável.

As feridas ainda não sararam. Há muito a avançar na batalha contra o esquecimento; pela memória, pela verdade, pela justiça, mas há outro problema que temos que enfrentar, além do terrorismo de Estado: a violência política.

Quero dizer que estamos muito felizes pelo avanço do diálogo de paz da Colômbia nesses dias. Tomara chegue a bom porto, tomara a violência na Colômbia acabe e que esse país irmão volte a viver com a paz que sempre deveu ter. Porém, também nos abala a notícia de hoje, que um jovem advogado, de 27 anos, deputado do Partido Socialista Unificado da Venezuela caiu, ele e sua companheira, vítimas de um crime que só podemos qualificar de crime político.

A violência é brutal. O mesmo texto usado contra Salvador Allende em 1973 é aplicado hoje na Pátria do Bolívar. Por isso, termino dizendo e pedindo para a Estela que o seu belo sorriso continue iluminando as lutas dos povos da América Latina para recuperar o respeito pleno aos direitos humanos. Obrigado.

PRESIDENTE. Muito obrigada, senhor Embaixador. Oferecemos o uso da palavra ao embaixador da Bolívia, Benjamín Blanco.

Representação da BOLÍVIA (Benjamín Blanco Ferri). Muito obrigado, Presidente. Querida senhora Estela, para mim, é realmente uma honra estar aqui. É uma imensa emoção poder render homenagem à sua luta, porque a senhora é um exemplo de inspiração, um exemplo de vida.

Quero transmitir, em nome do nosso presidente, de nosso chanceler e do povo boliviano, todo o carinho, respeito e admiração pela sua incansável busca pela verdade e pela justiça.

O reconhecimento como Cidadã Ilustre da América Latina, que hoje humildemente lhe oferecemos na Associação, fica pequeno. A senhora é realmente um exemplo de valentia para os nossos povos, de compromisso com a vida e de consequência. A senhora, junto com as Avós da Praça de Maio, os milhares de exilados e as pessoas que dedicaram sua vida a não permitir que os crimes da ditadura ficassem impunes, deixaram a mais clara mensagem ao mundo de que na América Latina defenderemos sempre, e acima de qualquer interesse, a vida, a paz e a justiça.

Hoje, as novas gerações, que crescemos em democracia e não vivemos e não conhecemos a crueldade das ditaduras, temos a obrigação, como diria o nosso chanceler, de continuar com esta luta, a luta pela paz, pelos direitos humanos, pela vida, por recuperar a identidade, recuperar os nossos recursos, a filosofia, a cultura dos nossos povos, para salvar a terra.

Os nossos povos acordaram e nunca mais permitiremos a dominação e a submissão, nunca mais permitiremos ditaduras e nunca mais permitiremos que o direito à vida seja vulnerado.

Não posso finalizar sem manifestar, em nome dos meus pais, que também sofreram a morte de colegas e amigos nas mãos do mesmo regime que levou a Laura, todo o carinho e a admiração. Tenha certeza de que no coração da América Latina vivem milhares de pessoas que tiveram suas vidas truncadas por lutar pela justiça.

Não posso imaginar a dor de uma mãe pela perda de um filho. Sabemos que nada pode preencher esse vazio. Quero manifestar minha profunda alegria e os meus parabéns pelo encontro do seu neto depois de 36 anos. Desejamos que possa desfrutar dele cada dia da vida que Deus lhe oferecer.

Termino renovando o agradecimento pelo exemplo que tem sido para nós de firmeza e de vida, que nos deu durante todos estes longos 36 anos.

PRESIDENTE. Muito obrigada, Embaixador. Queremos convidar o ministro conselheiro da Venezuela, Juan Carlos Gómez, para fazer uso da palavra.

Representação da VENEZUELA (Juan Carlos Gómez Urdaneta). Muito obrigado. Senhor Luis Almagro, chanceler da República Oriental do Uruguai; embaixadora Aída García Naranjo, senhor Carlos Alvarez, senhores embaixadores e demais representantes diplomáticos presentes, distinta senhora Estela de Carlotto, presidente da Associação das Avós da Praça de Maio.

Em nome do povo e do governo da República Bolivariana da Venezuela, para esta Representação e para os representantes da Embaixada é uma honra receber e homenagear nesta casa da integração à senhora Estela de Carlotto e, mais uma vez, reconhecer sua destacada e imprescindível tarefa pela promoção e pelo respeito dos direitos humanos. Sua comprometida e incansável luta pela identidade, memória, verdade e justiça.

A senhora Estela de Carlotto começou no ano 1978 a participar das atividades Avós da Praça de Maio, organização da qual é fundadora e que atualmente preside, e, desde então, dedicou sua vida à tarefa de encontrar e de restituir às suas legítimas famílias às aproximadamente 500 crianças sequestradas desaparecidas.

Como merecido prêmio da vida pela comprometida e incansável tarefa da senhora de Carlotto, celebramos com ela a recuperação, em agosto passado, do seu neto, o destacado músico Ignacio Guido Montoya Carlotto que, seria bom lembrar, é o neto 114 das Avós da Praça de Maio.

Esta distinção como Cidadã Ilustre da América Latina, que hoje a ALADI outorga à senhora de Carlotto, vem somar-se aos tantos e importantes reconhecimentos que ela já recebeu pela inestimável e perseverante tarefa desempenhada ao longo de todos estes anos, dentre os que se destacam o prêmio de Direitos Humanos das Nações Unidas do ano 2003, o prêmio da UNESCO pela promoção da paz, a distinção como Cidadã Ilustre do MERCOSUL no ano 2011, bem como outras dezenas de doutorados *honoris causa* de instituições da Argentina e internacionais.

O enorme compromisso e o importante papel desempenhado pela senhora Estela de Carlotto e pelas Avós, pela incansável luta pelo direito à identidade, à memória, à verdade e à justiça, constituem um referente necessário para a construção de uma identidade americana nossa, de uma cultura promotora da paz e dos direitos humanos, alicerce indispensável para o fortalecimento do processo de integração e de união latino-americana.

Por todas estas razões, celebramos esta merecida distinção como Cidadã Ilustre e renovamos-lhe a nossa eterna gratidão. Muito obrigado.

PRESIDENTE. Muito obrigada, Ministro. Oferecemos a palavra à Representação da Argentina, embaixador Manuel Abal Medina.

Representação da ARGENTINA (Juan Manuel Abal Medina). Muito obrigado, Presidente. Senhor chanceler, senhor secretário-geral, distintos colegas, membros do Gabinete Nacional, do Parlamento, amigas, amigos, queridíssima Estela.

Em primeiro lugar, quero agradecer novamente a todas as Delegações e, obviamente, pelo seu intermédio, aos seus governos, pelo enorme apoio e

unanimidade para com a proposta argentina de fazer de Estela de Carlotto a primeira Cidadã Ilustre da América Latina.

Quando me foi encarregada a bela tarefa de comunicar a Estela esta distinção, eu remarquei algo que senti nesse momento e que volto a sentir muito claramente hoje: que esta distinção ilustra claramente que os direitos humanos não são patrimônio de um setor político ou ideológico determinado; pelo contrário, fazem referência à humanidade, à civilização, aos valores mais profundos e enraizados da nossa condição humana. Nas palavras de todos aqui, expressam-se os governos de diferentes partidos e ideologias, que colocam acima de toda condição política a condição humana e de civilização, e poucas causas expressam com tanta clareza a luta permanente que a Estela desenvolveu em todos estes anos, lutando por conseguir, nem mais nem menos, recuperar a vida de crianças que tinham sido brutalmente roubados por um regime aberrante para o que não bastou matar e torturar seus pais, mas que fez das crianças propriedades para serem roubadas e sequestradas.

Perante uma aberração tamanha, perante tanta dor, Estela e o resto das Avós vêm levando adiante uma luta digna, importante e coerente, há muitos anos. Eu tenho a sorte de ter acompanhado essa luta. Conheço a Estela há muitos anos, desde o tempo em que eu era estudante de segundo grau, que voltava do exílio para a Argentina e íamos às manifestações, às passeatas de metade dos 80. Desde então, sempre encontrei uma referência absoluta, uma clareza conceitual que sempre me emocionou e me deu um enorme orgulho porque, nos momentos mais duros, nos momentos mais difíceis, naqueles anos em que as sociedades pareciam olhar para outro lugar, em que os direitos humanos pareciam estar esquecidos, perante tudo isso nunca, nunca baixaram os braços; nos piores momentos, sempre colocaram um "porém" e continuaram trabalhando, sempre com coerência, com justiça, e sempre pelo caminho da memória, da verdade e da justiça, nunca pela vingança, mas simplesmente pedindo justiça.

Esse é o grande exemplo que tivemos aqui, em nossa Resolução, em que dizíamos que a Estela nos ensinou aos argentinos, especialmente, mas creio que, a partir de hoje, também a todos os latino-americanos e, ousaria dizer, a toda a humanidade, o verdadeiro significado da palavra justiça.

Esta consideração me levou, sem dúvidas, a considerar muitas coisas, a lembrar estórias pessoais. Há um tempo, acompanhando Néstor Kirchner –se lembro bem, em um ato em Avellaneda, em que davam a uma praça o nome de Estela- quando saíamos do ato, Néstor começou a falar de Estela, se emocionou e as lágrimas começaram a brotar dos seus olhos. Os que conheceram Néstor sabem que ele não era uma pessoa muito emotiva, mas, diante de Estela, foi uma das poucas vezes em que o vi admirado pelas palavras que dizia sobre ela.

Também lembro, poucos meses depois deste fato, quando já não estávamos com o Néstor, no aniversário dos 80 anos de Estela, vê-la com a alegria com que celebrava com os seus familiares. Porém, com a minha esposa –que hoje está aqui comigo- lembrávamos e pensávamos na profunda injustiça que significava em termos históricos que Estela tivesse trabalhado tanto para recuperar centos de netos e que não pudesse abraçar o próprio.

Daí a enorme e maravilhosa importância desse dia, desse dia lindo, inesquecível, glorioso, em que Estela se abraçou a Guido em um abraço que reconstruiu uma história com tal profundidade e beleza, um abraço que construiu sonhos, que será inesquecível para todos nós. Eu ainda lembro, não lembro qual era o evento –uma

recepção ou uma cerimônia que fazíamos aqui— como se aproximavam esse dia diferentes embaixadores, de diferentes países do mundo, e me faziam perguntas, emocionados.

Isto demonstrou que, claramente, os direitos humanos vão para além de qualquer ideologia e, reitero, são patrimônio de toda a humanidade. No mesmo sentido, todos vocês, com suas palavras ou os embaixadores de outras regiões que hoje nos acompanham, da Alemanha, da Áustria, da Itália, e que também fazem parte. Tudo isto evidencia o que já atingimos.

Não é o meu estilo, mas quero finalizar lendo algo muito breve, não escrito por mim, mas por minha mulher nesse dia, e são palavras que faço próprias: *uma mulher que compreendeu cabalmente a dimensão de sua tragédia, que se fortaleceu à força, que esperou construindo, que manteve a calma. Professora tenaz, explicadora incansável, fazedora de justiça. Uma mulher imensa, bela, valente. Mais de três décadas procurando por netos; hoje, o seu neto procurou por ela.*

PRESIDENTE. Muito obrigada, Embaixador. Agora, um momento especial. Oferecemos a palavra a quem todos queremos tanto ouvir, à senhora Estela de Carlotto. Palmas para ela.

ESTELA B. DE CARLOTTO. Muito obrigada. Depois de escutar tantos elogios, tantas belas palavras dos meus queridos países, porque à medida que eu escutava cada um dos expositores, lembrava quando tinha estado nesse país, por que fui a esse país, o que esse país fez, o que sofreu, o que deu, que solidariedade, como estendeu as mãos. E penso nas palavras de elogio e fico um pouco constrangida porque acho que é muito, porque eu sou uma mulher comum, uma mulher entre tantas, entre milhares que lutam neste mundo por seus semelhantes, pelos que sofrem, pelos necessitados e pela liberação dos seus povos, para terem autonomia, decisão, felicidade. A felicidade é o respeito à vida, e a vida é respeitada quando o povo tem bem o bem-estar e a dignidade necessários para viver, mínimo para ser felizes.

É constrangedor porque sou uma mulher como as outras, que, apesar de que todos nascemos com condições naturais, desde criança fui um pouco líder, nos grupos, na escola. Havia algo que me delatava: a injustiça. Pelo resto, eu era tranquila, boa aluna, boa filha, eu tive amor, tive uma vida plena; a felicidade, o matrimônio, os quatro filhos. Cumpri o meu sonho de ser professora, o meu sonho de criança, e pude amparar muitas criancinhas na primeira escola onde trabalhei, que era muito pobre, onde desenvolvi e tirei todo o amor que tinha por eles, mas, que, evidentemente, não foi suficiente. Por quê? Porque às vezes fazemos coisas que acreditamos que são as corretas, e às vezes não é suficiente. Aprendi isso com a Laura, minha filha. Na pessoa da Laura estão contidos todos os outros. Estão e estamos juntos. Agora podem falar o que queriam falar: que essa luta é para que em nosso país haja justiça social.

Eu nasci em 1930 e, nesse ano, começam as ditaduras em meu país. As ditaduras foram sucessivas e permanentes, votavam os que tinham que votar, a mulher não votava nesse tempo, elegia-se um governo legal, constitucional, mas sempre chegava uma ditadura cívico-militar. Havia uma sociedade minoritária e de poder econômico que era feliz com essas ditaduras porque seus desejos de ambição se realizavam, não pensavam no povo, mas no dinheiro.

Eu cresci com essas ditaduras. Eu levarei essa luta adiante enquanto esteja viva, essa luta que os senhores estão exaltando hoje. Continuarei indo às Avós todos os

dias, ao horário que for, e trabalharei em casa sábados e domingos para continuar encontrando os centos de netos que ainda faltam das minhas irmãs que, como eu já disse, não querem morrer sem abraçar seus netos.

Mas, por que essa mudança daquela senhora? Essa criança foi educada em um lar de classe média, com muito amor, mas enganada com as histórias oficiais que contavam essas ditaduras com as que cresceu. Eu nasci em 1930. A mídia era o rádio e a imprensa escrita, não tinha televisão, não tinha nada, e informavam mentiras. Queriam nos convencer de que isso era bom, de que era melhor, que o governo constitucional não servia. Para ilustrá-lo, um exemplo: no rádio, a marchinha n.º 1, o comunicado n.º 1, e, nesse dia, eu não ia à escola, meu pai não trabalhava, mas, ao dia seguinte, tudo voltava ao normal.

Isto é, aprendíamos a ser obedientes e servís a um regime que nos transformou de país rico a país pobre, submisso. A ditadura que elas, que os meus filhos, as duas mulheres mais velhas me anunciavam em 1970, preparando os pais para o que nos esperava, ainda quando tínhamos um governo constitucional; a discussão do meu aprendizado obediente do sistema e do discurso revolucionário desses jovens estudantes, desses operários, dessa gente que tinha a mente clara, serviu para incorporar essas verdades.

Eu falava para a minha filha Laura, "você tem que ir embora, estão matando os seus colegas". O meu marido não tanto, porque ele era mais ousado, mais progressista, mais consciente do que eu. Eram coisas que víamos todos os dias. Eu era diretora de uma escola, minhas professoras chegavam chorando pelo que tinham visto: fuzilar jovens e arrastar cadáveres para não mais ser encontrados. Ou deixar crianças abandonadas, "toma conta dele que nós já voltamos", e não voltavam e essas crianças ficavam à deriva. Em outros casos, eram levados para outro lugar e desapareciam.

"Laura, vão te matar. Você tem que embora do país, já temos tudo pronto." Creio que ela não tinha ainda nem 20 anos, estava estudando, mas o seu compromisso político e o dos seus colegas foram crescendo e virando cada vez mais forte, mais contundentes, portanto, a sua vida era mais perigosa. Um dia ela me falou: "Mãe, ninguém quer morrer, todos temos um projeto de vida, mas milhares de nós vamos morrer, e a nossa morte não será em vão."

Levo essas palavras incorporadas nessa mudança em minha mentalidade. Isso me fez entender que quando eu lhe dizia "¿por que em vez de fazer política você não vai à santa casa tomar conta das crianças?" ela ria: "mãe, isso não serve, isso é um remendo, serve por um momentinho; aliás, a santa casa não deveria existir, não deveria haver mais pais nem mães sem trabalho, sem teto, sem acesso a uma forma digna de criar seus filhos; por isso estamos lutando".

Então, esta senhora burguesa, meio perdida, aprendeu dos seus filhos, mas sempre pedindo a Deus que nunca acontecesse o que estava vendo que acontecia com seus colegas, que um dia ela não voltasse. E isso aconteceu. Um dia ela não ligou, não escreveu, e nesse dia a minha foi outra. Não há nada surpreendente. Toda mãe procura seu filho, uma filha quando não volta, seja de uma festa ou de uma balada, olha o relógio, espera, sai, procura. Se um dia não chega, fica desesperada; dois dias depois, vai procurá-la. Além disso, em nosso caso a nossa filha estava grávida no momento do sequestro e que já estávamos confirmando que nesses casos, as mães não eram assassinadas, deixavam-nas viver para que as crianças nascessem. Era lógico que procurássemos pelas duas gerações.

Eu acredito que o que eu tenho feito é lógico, porque fui inspirada pelo amor à minha filha, a esse neto que procurei, aos seus colegas que conheci porque vinham à minha casa preparar os cartazes para as passeatas, e eu até lhes dava lençóis velhos para fazer o que depois levavam às ruas. Esse capricho todo, esse sangue derramado não foram em vão. Esse sangue regou a nossa pátria, como regou tantos países da América Latina, porque estamos todos em democracia, eles nos deram essa democracia. Com seus defeitos, a democracia ainda não temos uma democracia perfeita, até que não tenhamos tudo resolvido para sermos autônomos, para termos a dignidade para que as nossas culturas sejam as que queremos e não outras que venham nos impor.

A força desse amor, desse orgulho que sinto por Laura, que sinto por meus outros filhos, e que hoje sinto por meu neto, será o que faz com que os senhores me vejam mais nova. Eu me sinto mais nova. Teria sido terrível ficar em casa chorando, envelhecendo sem fazer nada. Como é bom poder envelhecer fazendo, não para nós, mas para os outros, porque a consigna das Avós da Praça de Maio não sou eu sozinha, a consigna é com as minhas amigas, minhas irmãs, somos uma Associação de mulheres que não nos juntamos porque estávamos todas no mesmo nível social, religioso, cultural, pensando: "vamos fazer um campeonato de cartas", não, nascemos da busca solitária, primeiro, com as mãos amarradas, depois, dizendo "vamos juntas", isso tão feminino de dizer "vamos".

Somos diferentes e continuamos fazendo que o tronco, da dor e do amor, não nos dissolva. Daqui a alguns dias, faremos trinta e sete anos destas mãos unidas, e continuaremos, mesmo de bengala e caminhando devagar. Eu pensava que quando encontrasse o Guido ia abrir mão de tudo isto, mas ainda não posso. A bengala é de tanto caminhar, de tanto andar, não só na Praça de Maio, mas no mundo. De não nos ajoelhar nunca. Antes a bengala do que ficar de joelhos para negociar a liberdade dos nossos filhos.

Não somos diferentes de tantas mulheres anônimas do mundo. As pessoas costumam perceber essas condições de valentia que eu tenho, eu nasci assim, eram sempre as injustiças que me deixavam nervosa, mas continuo sendo tranquila, equilibrada, nunca me verão agredindo alguém porque a agressão não serve para nada. Embora pensemos diferente, o diálogo é o que serve. O convencimento.

No meu país, em quase todas as províncias, os genocidas estão sendo julgados e agora estamos começando com os civis cúmplices. Eu estive em julgamentos para testificar sobre o caso de Laura e o seu campo de concentração, onde ficou durante nove meses, jogada, humilhada, torturada, onde o seu filhinho foi tirado de suas mãos poucas horas depois de nascer. Dois meses depois, Laura foi assassinada. Eu via o rosto dos genocidas pétreo, desumanizado, imperturbável. No meu depoimento final, pude dizer-lhes que se humanizem e que nos digam, porque eles sabem onde estão os centos de netos, onde levaram os corpos das vítimas assassinadas, porque a sociedade argentina –que, no começo nos chamava de loucas e os genocidas diziam que mentíamos- hoje já nos acompanha em sua maioria porque sabem que essa ditadura mexeu com todos, perdemos a saúde, a educação, o medo foi instaurado; isso foi efeito com todo o povo argentino.

Esta cruzada das Avós da Praça de Maio, da que faço parte, e essa sublimação de minha pessoa podem ser porque eu, presidindo uma instituição e tendo o caráter para não tolerar a injustiça, enfrento, vou à rua, por isso, escutando os amigos dos países irmãos lembrava quando estava aí. Em Cuba, pela primeira vez em 1984 e depois muitas vezes mais, abracei o companheiro Fidel. Eu agradeço muito isso. Bolívia, Evo foi premiado por nosso país, eu o admiro muito. Paraguai, claro que aí

foram abrigados os genocidas; depois conseguimos trazer para o país as crianças que tinham sido roubadas, que tinham uma identidade falsa.

Essa força também nasce da reparação histórica, de terminar com essa injustiça de saber que há crianças morando com os seus ladrões e talvez, assassinos dos seus pais, criados não se sabe como, e temos que liberá-los. Essa necessidade de tirá-los desses lugares nos devolveu a alegria de saber que estamos fazendo as coisas bem e de que há que continuar com isso, porque a maioria dos netos que já restituímos nos acompanha, estão em nossa casa todos os dias e, por razões lógicas e de tempo, são a nossa continuação. O dia em que nenhuma avó estiver presente –porque, enquanto houver uma avó, é a avó que manda– eles continuarão. Na Comissão Diretiva, que era exclusivamente das Avós, já estão os netos e os nossos netos parentes dessas famílias que a ditadura cívico-militar quis destruir pelo medo, daqueles que diziam "por algo será", "algo devem ter feito" ou "comigo não aconteceu nada", quando queriam segmentar a sociedade e as famílias.

A minha família está mais firme do que nunca na luta pelos direitos humanos. Agora, tenho 14 netos que estão firmes e ativos na luta pelos direitos humanos. Guido, que não sabia que era filho de desaparecidos, fazia coisas dirigidas à participação pela luta dos direitos humanos no país, como Música pela Identidade, e tinha visitado a ex ESMA, esse centro clandestino de detenção emblemático, onde também funcionava uma maternidade; ele foi sem saber que era filho de desaparecidos, ou seja, havia algo que o conduzia.

Estes meninos são de uma firmeza ideológica, de uma moral irrepreensível e de um convencimento de que há que continuar lutando passo a passo para fortalecer a democracia da Argentina e, obviamente, das democracias da nossa América Latina.

Eu continuarei lutando, agora com mais força – e mais nova – porque o que os senhores me deram hoje são palavras maravilhosas que alimentam minha alma, que me dão força e vontade de continuar fazendo ainda mais.

Isto é transferível também a todas minhas companheiras, eu não poderia ter feito nada sozinha, somente a unidade – em todas as ordens da vida – dá seus frutos.

Agradeço a todos por este momento, em que me reencontrei com amigos queridos, que atravessei o rio desde a Argentina, como fiz tantas vezes e como tantas vezes fizeram os familiares deste país para a Argentina, para, latino-americanamente, procurar a nossa união. De fato, em 1982, em Caracas (Venezuela) nasce a FEDEFAM (Federação Latino-Americana de Associações de Familiares Detidos-Desaparecidos), ou seja, estamos juntos na América Latina desde 1982. As Avós somos fundadoras da FEDEFAM.

A FEDEFAM é a unidade dos familiares das vítimas, mas aqui precisamos da unidade dos povos, de todos os habitantes, que não haja alguém que fale "não, não vale a pena lembrar", "não, não vale a pena fazer justiça", "não, não vale a pena olhar para trás", que prefira a amnésia, o esquecimento. Isto é o que temos que evitar, porque levaria às novas gerações a estarem ameaçadas, porque isso poderia voltar a acontecer.

As Avós percorremos o mundo. Eu já perdi a conta de quantos países visitei como Avó e continuaremos visitando porque o que acontece em um país – e agora com a globalização – afeta a humanidade toda. Qualquer violação à vida de um cidadão afeta a humanidade. Nós, modestamente e desde este pequeno lugar das Avós da Praça de Maio, queremos, nestes caminhos que temos aberto nestes anos, legar a certeza de

que as crianças que nascerem não percam a vida por pensar diferente. Temos que conviver com aquele que pensa diferente e identificar aquele ponto de contato, aquilo em que pensamos igual, para fortalecê-lo. A partir disso, em democracia, o que interessa é a pátria.

Estamos vivendo a etapa mais longa de democracia, mas de 30 anos, não lembro direito, e já tivemos governos que avançaram em matéria de direitos humanos substanciais. As leis de impunidade foram derrocadas. A Argentina atravessa uma época chamada de "década ganha", porque duas pessoas do sul vieram cumprir com os sonhos dos seus companheiros, os 30.000 desaparecidos, Néstor e Cristina.

Não falo isto por política partidária. As Avós não temos partido político, temos aplausos para as gestões. Se uma gestão faz o que deve fazer, porque para isso foi votada, temos que aplaudi-la, embora não tenhamos as mesmas ideias partidárias. Não temos partido, a luta é conseguir plenamente o fortalecimento democrático mediante a verdade, a memória e a justiça, e fazer daquela frase célebre, mas universal, uma realidade, que eu deixo aqui com o meu mais profundo agradecimento pelo que fizeram, pela maravilha que me fizeram viver hoje, neste âmbito, neste querido país irmão. Queridos amigos: Nunca mais. Obrigada.

- *Aplausos*

PRESIDENTE. Que maravilha compartilhar este momento com todos os nossos assistentes. Que maravilha poder presentearmo-nos esta tarde, em que a ALADI se encheu de humanidade, que maravilha que tenhamos podido desfrutar com tanta tranquilidade deste testemunho que a Estela nos deixa, um testemunho que é exemplo de vida e que nos renova, que nos rejuvenesce a todos e que reafirma os nossos compromissos.

O vídeo que foi preparado para você, para começar esta sessão solene, tinha uma música maravilhosa, com a voz desta gigante latino-americana, Mercedes Sosa, e de autoria de outra gigante, Violeta Parra. Todos os que aqui estamos damos graças à vida, que nos deu tanto, e, sobretudo, damos graças à vida por esta vantagem tenaz que a vida tem sobre a morte, sobre o saqueio, o seqüestro, a opressão, o abandono, a violação. Temos que dar graças à vida que nos deu tanto.

Sem dúvidas, 5 de agosto de 2014 é uma data especial para a Estela e especial para todos nós. Esta tarde é especial para a ALADI. Agradecemos ao chanceler que nos acompanha, que esteve aqui com nós no último Conselho de Ministros. Que maravilha poder dizer na ALADI que meiguice, amor, esperança, utopias, memória, verdade, justiça e reparação são bandeiras da integração latino-americana.

Para Estela, somente tenho estas palavras: Você nos deixa, na ALADI, uma aurora perfumada. Muito obrigada pela tua presença.

Mestre de Cerimônias. Lemos, a seguir, a Resolução 411 do Comitê de Representantes da ALADI:

"DISTINÇÃO COMO CIDADÃ ILUSTRE DA AMÉRICA LATINA
À SENHORA ESTELA B. DE CARLOTTO

O COMITÊ de REPRESENTANTES,

TENDO EM VISTA o Tratado de Montevideu 1980.

ENTENDENDO que a designação de destacadas personalidades e referentes do âmbito político, social e acadêmico dos países-membros como "Cidadãos Ilustres da América Latina", além de significar um reconhecimento às qualidades pessoais e à respectiva contribuição para o processo de integração, permitirá avançar na conformação progressiva da identidade latino-americana, bem como no aprofundamento dos laços históricos, políticos e culturais entre os povos da região;

CONSIDERANDO a importância de consolidar uma integração profunda, solidária e estratégica que, de uma perspectiva multidimensional, prioriza a adoção de políticas públicas regionais destinadas ao fortalecimento da democracia e do Estado de Direito; ao respeito irrestrito dos direitos humanos; à erradicação da pobreza e à garantia da igualdade de condições de acesso à educação, ao trabalho e à saúde; e

REAFIRMANDO que, nesse âmbito, o respeito dos Direitos Humanos e das Liberdades Fundamentais é condição essencial para a vigência e a evolução do processo de integração,

RESOLVE:

PRIMEIRO.- Distinguir a senhora Estela B. de Carlotto, Presidente da Associação "Abuelas de la Plaza de Mayo", como "Cidadã Ilustre da América Latina", em reconhecimento a sua perseverante tarefa na promoção e no respeito irrestrito dos Direitos Humanos, bem como a sua permanente luta por memória, verdade e justiça.

SEGUNDO.- Entregar, em Sessão Extraordinária e Solene do Comitê de Representantes, à senhora Estela B. de Carlotto, cópia certificada da presente Resolução, bem como uma placa comemorativa."

Mestre de Cerimônias. A senhora Presidente do Comitê e o senhor Secretário-Geral entregam a bandeja recordatória de sua designação e a cópia autenticada da Resolução 411, que a declara Cidadã Ilustre da América Latina, e é assinado o Livro de Visitas Ilustres.

- *Entrega da bandeja recordatória.*
- *Assinatura do Livro de Visitas Ilustres.*

Mestre de Cerimônias. Agora, o Embaixador Juan Manuel Abal Medina, Representante Permanente da Argentina, entrega um quadro, outro presente à senhora Estela de Carlotto.

- *Entrega de presente do Representante Permanente da Argentina.*

Mestre de Cerimônias. A seguir, o ministro da Educação e Cultura do Uruguai, Ricardo Ehrlich, e o diretor do Escritório da Organização de Estados Ibero-Americanos no Uruguai, Ignacio Hernaiz, entregam uma placa que leio agora: "*Do povo uruguaio a Estela Barnes de Carlotto, em reconhecimento à sua contribuição para a cultura de paz e defesa dos direitos humanos. Montevideú, em 2 de outubro de 2014*".

- *Entrega da placa pelo ministro de Educação e Cultura do Uruguai e do diretor do Escritório da Organização de Estados Ibero-Americanos no Uruguai.*

Mestre de Cerimônias. A senhora Presidenta do Comitê realizará encerrará oficialmente a sessão extraordinária.

PRESIDENTA. Muito obrigado. Só dizer que é uma sessão inesquecível para a ALADI, uma sessão extraordinária que, efetivamente, nos compromete com a integração latino-americana, nos compromete neste diálogo com este testemunho de vida e nos reafirma neste compromisso de fazer da integração uma irmandade de todos os nossos povos, da América Latina.

Quero manifestar minhas formais desculpas por não ter podido cumprimentar todas e cada uma das autoridades que nos acompanharam, ministros, representantes de associações de direitos humanos, representantes da sociedade civil, representantes do parlamento, representantes de diferentes organismos que esta tarde nos acompanham, temos uma sessão longo que não nos permitiu fazer as saudações protocolares, uma a uma, de tão distintos visitantes. Agradecemos de maneira especial que tenham nos acompanhado nesta sessão, que será para nós uma sessão verdadeiramente extraordinária.

Muito obrigada. Estela, para você, um agradecimento especial.

- *Foto recordatória.*
- *Encerra-se a sessão.*
